



**PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES QUANTO AOS RELACIONAMENTOS  
AFETIVOS**

**Helena da Silveira Riter**

Trabalho de Conclusão de Curso

Porto Alegre/RS, 2015

**PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES QUANTO AOS RELACIONAMENTOS  
AFETIVOS**

**Helena da Silveira Riter**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de  
Psicóloga sob orientação da Profa. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Graduação em Psicologia  
Dezembro de 2015

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas, agradeço por ter estado presente e acessível durante todo o desenvolvimento desse trabalho e pelo carinho que dedicou a mim e ao meu TCC, sendo fundamental no meu processo de identificação com a temática.

À Profa. Dra. Letícia Lovato Dellazana-Zanon, por ter colaborado com a realização desse trabalho, mas principalmente por ter despertado em mim a vontade de pesquisar e por ser um importante exemplo para a elaboração dos meus projetos de vida.

Aos meus pais, agradeço por terem me sonhado e me desejado juntos e por me ensinarem a sonhar e a desejar sempre de forma partilhada, semeando em mim o desejo de ler e de estudar para fazer diferença no mundo.

À minha irmã, Carolina, por compartilhar experiências comigo desde o nascimento e por sentir as minhas conquistas como nossas.

Ao Chrystian, por me encantar a cada dia, por me apresentar a capacidades minhas que eu desconhecia, por ser parceria sempre.

À Paula, por ter sido amiga, companheira e confidente desde o início da faculdade e por partilhar interesses e amenizar angústias.

À Dani, ao Rafael e à Tieli, por colorirem esses tantos dias juntos.

Às gurias do Bom Conselho, por me darem tanto amor e tanto colo e por terem nelas muitos pedacinhos da minha história.

À Fê, por estar sempre junto mesmo de longe.

Aos colegas de estágio do Domus e do Contemporâneo que partilharam comigo momentos de muito aprendizado e de muito afeto e que se tornaram muito mais do que colegas.

Aos colegas e aos profissionais do Centro de Avaliação Psicológica da UFRGS com quem pude aprender e me divertir, na mesma proporção.

Aos meus colegas e aos meus professores do Instituto de Psicologia, pelas experiências partilhadas.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	5
RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
Relacionamentos Afetivos e Adolescência.....	7
Projetos de Vida e Adolescência.....	10
A Psicologia Moral e os Projetos de Vida na Adolescência.....	12
Projetos de Vida de Adolescentes de Nível Socioeconômico Baixo.....	14
Justificativa e Objetivos do Estudo.....	15
MÉTODO.....	16
Participantes.....	16
Delineamento e Procedimentos.....	16
Instrumentos.....	16
Procedimentos de análise de dados.....	17
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
Caso 1 – Cecília.....	18
Caso 2 – Natália.....	19
Caso 3 – Nina.....	20
Caso 4 – Clara.....	21
Caso 5 – Cássio.....	22
Caso 6 – Nicolas.....	23
Cruzamento Geral dos Resultados e Discussão.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO - Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida.....	40

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Caracterização da Amostra

Tabela 2. Síntese dos Resultados quanto aos Projetos de Vida dos Participantes

## RESUMO

Os relacionamentos afetivos constituem um importante aspecto da construção da identidade na adolescência e a elaboração de projetos de vida é fundamental para a inserção do adolescente no mundo adulto. Dessa forma, estudar como os adolescentes formulam seus projetos de vida no que diz respeito aos relacionamentos afetivos parece bastante pertinente. Este trabalho teve como objetivos: (a) investigar a existência de projetos de vida em relação a relacionamentos afetivos em adolescentes de nível socioeconômico baixo; e (b) examinar o conteúdo dos projetos de vida sobre relacionamentos afetivos desses adolescentes. Foram entrevistados seis adolescentes (quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino) de 14 a 16 anos de nível socioeconômico baixo. Todos os participantes estavam cursando o Ensino Fundamental em escolas municipais de Porto Alegre – RS. Utilizou-se um delineamento de estudo de caso coletivo. Foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) Ficha de Dados Biossociodemográficos; (b) Depoimento sobre Projetos de Vida; e (c) Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida. Os resultados encontrados sugerem que os adolescentes possuem projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos, contudo demonstram dificuldades para pensar sobre esses projetos. Além disso, priorizam projetos ligados a outras áreas de interesse, como o trabalho e o estudo. Todos os participantes que possuem projetos sobre relacionamentos afetivos no futuro, mencionaram o casamento e a criação de filhos. Dessa forma, o casamento tradicional parece ser o modelo de relacionamento futuro desses adolescentes, embora atualmente existam outras formas reconhecidas de relacionamento.

Palavras-chave: adolescência; relacionamento afetivo; projeto de vida.

## INTRODUÇÃO

O amor e o estabelecimento de relacionamentos entre os seres humanos têm constituído a cultura desde a Grécia antiga, época em que muitos mitos tinham como tema central relações de amor e de traição. Assim como a mitologia, a literatura está permeada por essa questão. Na literatura brasileira, por exemplo, há uma fase caracterizada por enredos em que o amor romântico é central, o Romantismo. Com a ciência, não poderia ser diferente.

Entendendo que o amor é uma virtude, o campo da psicologia moral tem interesse no estudo desse tema. Piaget (1932/1994), embora não tenha se dedicado a investigar diretamente essa temática, referiu-se ao amor em sua obra, e, além disso, deu grande importância à afetividade enquanto aspecto da conduta humana. Por ser considerado um valor, isto é, uma ligação afetiva entre o sujeito e o objeto, o amor já estaria relacionado ao desenvolvimento da moral. No entanto, na teoria de Piaget, o amor está ligado também ao respeito, seja ele unilateral ou recíproco, visto que a criança respeita seus pais por medo, mas também por amor, e dessa forma, ingressa na esfera moral, a partir do respeito unilateral. Assim, o amor é condição da vida moral e sofre alterações no decorrer do desenvolvimento moral do indivíduo, ganhando diferentes contornos (Freitas, 2003).

Pesquisadores contemporâneos têm produzido estudos acerca do amor no campo da psicologia moral. Os trabalhos desenvolvidos dedicaram-se a estudar: (a) a concepção de amor em participantes de diferentes etapas do ciclo de vida (Alves, Alencar, & Ortega, 2010); (b) a concepção e a importância do amor em crianças de 6 a 9 anos (Alves, Alencar, & Ortega, 2012, 2014); e (c) os juízos de escolares de 6 a 9 anos quanto à possibilidade de amar uma criança do sexo oposto e uma criança do mesmo sexo (Alves, Alencar, & Ortega, 2013).

O amor está presente em todas as etapas do desenvolvimento humano, contudo, as maneiras de vivenciá-lo podem sofrer alterações no decorrer do ciclo vital e parecem adquirir aspectos relacionados ao momento de vida do indivíduo (Alves et al., 2010). Considerando a adolescência como um processo de inserção no mundo adulto, o estabelecimento de relacionamentos (amorosos ou não) fora da família é uma característica importante dessa fase (Erikson, 1968/1976) e relaciona-se à vivência efetiva do amor de ordem romântica e/ou erótica, inexistente na infância.

### **Relacionamentos Afetivos e Adolescência**

A adolescência representa o abandono da infância para a entrada no mundo adulto e é uma fase que se caracteriza por inúmeras transformações biopsicossociais. Devido a características como a separação progressiva dos pais, o amplo convívio social com grupos de pares e as transformações corporais advindas da puberdade, a temática dos relacionamentos

afetivos ganha grande importância na adolescência (Erikson, 1968/1976). Segundo Erikson (1968/1976), a busca de identidade característica desse período inclui a construção da identidade sexual e emocional. Assim, as relações íntimas estabelecidas com pares possibilitam essa construção, já que a partir das experiências proporcionadas por elas, cria-se a possibilidade de configuração da identidade e do lugar ocupado pelo outro.

Além disso, é importante considerar que a sociedade atual vem passando por inúmeras mudanças quanto ao estabelecimento de relacionamentos amorosos e os adolescentes são aqueles que estão mais suscetíveis a essas mudanças e também que mais as expressam em seus comportamentos. Isso se deve à vulnerabilidade dessa fase e também à necessidade de abrir espaço para o novo e de romper com o estabelecido (Justo, 2005; Oliveira, Gomes, Marques, & Thiengo, 2007; Stengel & Tozo, 2010).

As diferenças mais marcantes entre a vida amorosa da atualidade e a de gerações anteriores é a multiplicidade de formas de se relacionar e os novos padrões que as regem (Matos, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2005). Devido a isso, alguns pesquisadores têm estudado esses novos formatos de relacionamento afetivo característicos, principalmente, da adolescência (Jesus, 2005; Justo, 2005; Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010).

Os resultados das pesquisas indicam que dois tipos de relacionamento predominam na adolescência: (a) o namoro e (b) o “ficar”. O primeiro tem origem no ideal de amor romântico do início do século XIX e possui aspectos tradicionais, tais como o compromisso, a fidelidade e os sentimentos recíprocos de amor. O segundo representa uma forma mais recente, originada na década de 80, e mais comum entre os adolescentes. Segundo Justo (2005), o “ficar” representa o tipo de relacionamento afetivo mais expressivo da cultura adolescente contemporânea. No “ficar” não existe compromisso, responsabilidade ou fidelidade. Trata-se de um relacionamento em que a busca pelo prazer é central, sendo efêmero, superficial e sem implicações futuras, embora possa vir a se transformar em um namoro.

Em todos os estudos encontrados sobre essa temática (Jesus, 2005; Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010), os adolescentes relataram que o “ficar” é uma forma de relacionamento muito comum entre eles. Contudo, a maneira de vivenciar esse fenômeno possui distinções entre os adolescentes. Enquanto há participantes que percebem o namoro como uma restrição, devido ao compromisso e à responsabilidade que envolve, o que faz com que prefiram o “ficar” (Jesus, 2005; Matos et al., 2005), há também aqueles que entendem o “ficar” como algo que possibilita conhecer melhor o outro antes de estabelecer um relacionamento de maior compromisso, como o namoro. Além disso, alguns adolescentes entendem que o “ficar” está relacionado à idade, não sendo algo que desejam manter por muitos

anos. Com o passar do tempo, eles passam a preferir o “ficar” como algo que antecede o namoro (Matos et al., 2005; Stengel & Tozo, 2010).

Em função disso, entende-se que o “ficar” pode cumprir um papel de experimentação, relacionado ao medo dos adolescentes de estabelecer um compromisso com alguém que não seja “a pessoa certa” e à preocupação quanto ao futuro e à qualidade de suas escolhas de parceiros. Além disso, entende-se que essa passagem do “ficar” ao namorar pode estar relacionada também à maturidade. Isto é, ao final da adolescência, o indivíduo teria mais condições cognitivas e emocionais de envolver-se em relacionamentos de maior compromisso, o que propiciaria essa transição do “ficar” ao namorar (Jesus, 2005; Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010).

Esse aspecto fica mais evidente quando os adolescentes são questionados sobre seus projetos de relacionamento para o futuro. Os resultados de pesquisas indicam que os adolescentes enunciam projetos de casar e de ter filhos, relegando o “ficar” à conduta adolescente e não como algo que pretendem manter na vida adulta (Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010).

Embora os adolescentes mencionem projetos quanto à constituição de família, os estudos sugerem que os planos futuros mais importantes e urgentes para os adolescentes são aqueles relacionados ao trabalho e ao estudo. A constituição de família aparece em segundo plano, sempre atrelada à conclusão dos estudos, ao ingresso no mercado de trabalho e à estabilidade financeira (Matos et al., 2005; Stengel & Tozo, 2010).

O estudo de Stengel e Tozo (2010), além de investigar os projetos de vida dos adolescentes, investigou também os projetos que os pais desses adolescentes pensam para os filhos. Houve coincidência entre os projetos dos adolescentes e os dos seus pais no que diz respeito ao trabalho, ao estudo e à constituição de família, sendo o casamento e a parentalidade desejados por ambos. Pode-se pensar que, embora apresentem novas formas de relacionamento, os adolescentes retomam padrões de gerações anteriores. Além disso, os pais também priorizaram, nos projetos para os filhos, o estudo e o trabalho. Os pais desse estudo consideraram que o estabelecimento de um relacionamento duradouro e o exercício da parentalidade são objetivos que não dizem respeito à adolescência, devendo ser postergados a um momento mais tardio do ciclo vital.

Considerando que o estabelecimento de relacionamentos afetivos é um fenômeno de importância na adolescência, pode-se pensar que investigar os projetos de vida de adolescentes com relação a temática dos relacionamentos afetivos pode contribuir para conhecer mais acerca do que os adolescentes têm pensado sobre o tema e de que tipo de relacionamentos eles querem

para si. Além disso, assim como a questão dos relacionamentos afetivos, a elaboração de projetos de vida é uma característica importante da adolescência e diz respeito ao processo de ingresso no mundo adulto. Mas o que é projeto de vida? Qual a sua relação com a adolescência?

### **Projetos de Vida e Adolescência**

Neste estudo, em consonância com Damon (2009), entende-se por projeto de vida “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e que gera consequências para o mundo além do eu” (p. 53). Assim como o estabelecimento de relacionamentos afetivos, a elaboração de projetos de vida também é uma tarefa crucial da adolescência e está relacionada ao desenvolvimento da identidade (Erikson, 1968/1976), visto que refere-se àquilo que o indivíduo pretende realizar durante a vida. Pode-se pensar que estudar os projetos que os adolescentes elaboram para o seu futuro, isto é, seus projetos de vida, permite acessar o que eles consideram importante e prioritário e, portanto, os valores que têm influenciado essa geração.

Piaget (1964/2007), por sua vez, também considera que a construção de um projeto de vida faz parte da adolescência. Piaget e Inhelder (1955/1976) consideram a elaboração de um projeto de vida uma tarefa bastante importante para que se tornem possíveis a formação de uma personalidade autônoma e o ingresso do adolescente no mundo adulto. Para esses autores, a presença de projeto de vida é uma característica essencial da conduta adolescente e é indispensável para que seja possível ao indivíduo assimilar os valores da cultura e assumir um papel na sociedade.

Existem diversos aspectos da adolescência que possibilitam o estabelecimento de relacionamentos afetivos, como as transformações corporais e a importância adquirida pelos grupos de pares, e com a elaboração de projetos de vida não é diferente. Dessa forma, faz-se importante apresentar três aspectos da adolescência que propiciam o projetar-se no futuro.

O primeiro desses aspectos é o desenvolvimento cognitivo. Para Piaget e Inhelder (1955/1976), é graças ao desenvolvimento das estruturas formais que o adolescente se torna capaz de raciocinar sobre hipóteses, pensar, além do real, sobre outros mundos possíveis, e projetar seu futuro. Dessa forma, pode passar a pensar sobre seu futuro dentro da sociedade e sobre a construção de um projeto de vida. Cabe salientar que, embora o desenvolvimento cognitivo seja fundamental, não é suficiente para que se possa estabelecer um projeto de vida.

O segundo aspecto a ser considerado diz respeito a demanda social relacionada à adolescência e ao ingresso no mundo adulto e no mercado de trabalho. Atualmente, esse é o momento do desenvolvimento em que se espera que seja estabelecida a escolha profissional. Piaget e Inhelder (1955/1976) salientam que a inserção no mundo do trabalho e a realização de

uma atividade possibilitam que os projetos de vida dos adolescentes os aproximem da realidade. Ainda, a elaboração de projetos de vida pode trazer benefícios para os adolescentes, tais como a conquista da realização e da satisfação pessoal e a proteção contra comportamentos autodestrutivos como o uso de drogas (Damon, 2009; Minehan, Newcomb, & Galaif, 2000).

Por fim, o terceiro aspecto refere-se a possibilidade de hierarquizar valores, advinda do fenômeno da adolescência. De acordo com Piaget (1964/2007), a construção da personalidade se dá pela organização das regras e dos valores de forma autônoma e pela afirmação da vontade. Segundo Freitas (2011), a vontade, para Piaget (1954/2005), está relacionada à possibilidade de um indivíduo estabelecer prioridades e hierarquizar valores e, desta forma, planejar suas ações. Estes são também aspectos fundamentais para a construção de um projeto de vida. Ainda, a vontade tem uma importante função no que diz respeito ao controle de interesses e de desejos imediatos. Através do sistema de valores individual, o adolescente pode definir, portanto, em que projetos irá investir e que ações deve realizar para que os mesmos possam se concretizar. O sistema pessoal de valores de cada um é estabelecido a partir das experiências vividas até então e do contexto cultural em que o indivíduo está inserido.

Assim como Piaget (1954/2005), pesquisadores da atualidade também salientam a importância da priorização de alguns valores em detrimento de outros para a formulação e concretização de um projeto de vida (Damon, Menon, & Bronk, 2003; La Taille, 2006). La Taille (2006) atribui à elaboração de projetos de vida aspectos morais e éticos. A fim de compreender as condutas morais, o autor conceitua e diferencia a moral e a ética. Segundo ele, a pergunta fundamental do plano moral é “como devo agir?”, enquanto no plano ético busca-se responder à questão “que vida eu quero viver?”. Em outras palavras, La Taille (2010) atribui à moral a questão dos deveres e à ética, a busca de uma “vida boa”, de uma “vida que vale a pena ser vivida”. Por isso, a elaboração de um projeto de vida envolve o plano moral e o plano ético.

O aspecto moral se faz presente na construção do projeto de vida, pois, conforme a definição proposta por Damon (2009), essa construção leva em consideração o contexto sociocultural. Portanto, a exigência social do cumprimento dos deveres e o sentimento de obrigatoriedade, relacionados à moral, devem ser levados em conta na elaboração de um projeto de vida.

Quanto ao plano ético, elaborar um projeto de vida é, principalmente, responder a pergunta: “que vida eu quero viver?”. Além disso, a ética também se relaciona à questão: “para que viver?”, isto é, ao sentido da vida. Assim, a elaboração de um projeto de vida está relacionada à busca de uma vida que faça sentido ser vivida.

A partir desse conceito de ética de La Taille (2010), e em consonância com a ideia de Piaget (1954/2005) de que a escala de valores de um indivíduo é o que dá sentido à sua vida, pode-se pensar, portanto, que a presença da elaboração de projetos de vida é fundamental para que se viva uma vida com sentido. Dellazzana-Zanon e Freitas (no prelo), em um estudo de revisão de literatura acerca do conceito de projeto de vida, encontraram que um dos aspectos mais atribuídos por diferentes autores ao projeto de vida é a relação com o sentido da vida.

Devido aos aspectos moral e ético do projeto de vida, diversos pesquisadores têm realizado estudos acerca do tema, no campo da psicologia moral. Dellazzana-Zanon e Freitas (no prelo) encontraram pesquisas, de diferentes campos da psicologia, que investigam as áreas de interesses dos projetos de vida de adolescentes. Contudo, alguns pesquisadores da psicologia moral (Araújo, Arantes, Klein, & Grandino, 2014; D'Aurea-Tardeli, 2008; Miranda, 2007), além desse aspecto, têm investigado os tipos de projetos de vida, os quais dizem respeito ao lugar destinado ao outro, isto é, se há ou não a inclusão de outras pessoas na elaboração dos projetos.

### **A Psicologia Moral e os Projetos de Vida na Adolescência**

As pesquisas que investigaram os tipos de projetos de vida foram realizadas com metodologias distintas e investigaram aspectos diferentes dos projetos de vida de adolescentes. Miranda (2007) buscou verificar a existência de projetos de vida em adolescentes e identificar o lugar do outro nesses projetos. Realizaram-se entrevistas individuais semiestruturadas com os participantes, utilizando-se o método clínico, e suas respostas foram classificadas em cinco categorias quanto às áreas de interesse: (a) Bens materiais; (b) Relacionamentos afetivos; (c) Atividade profissional; (d) Formação acadêmica; e (e) Outros projetos. A categoria bens materiais foi a mais citada pelos participantes, enquanto a categoria formação acadêmica foi a menos citada. Quanto à importância dos projetos, aqueles que dizem respeito à atividade profissional foram considerados por 41% dos adolescentes como os mais importantes. No que diz respeito aos projetos sobre relacionamentos afetivos, Miranda (2007) constatou que essa foi a segunda categoria mais citada e todos os participantes mencionaram esses projetos de forma espontânea. Além disso, foi a segunda categoria mais citada no que diz respeito à importância dos projetos. Em relação à classificação por tipos, Miranda (2007) analisou as justificativas dos projetos elaboradas pelos adolescentes quanto ao lugar designado ao outro nos projetos de vida e as classificou da seguinte forma: (a) conectados – projetos que incluem e designam ao outro um lugar de importância; e (b) desconectados – projetos em que o outro é ignorado ou aparece apenas como um meio para alcançar um fim. Nesse estudo, 52% das justificativas foram classificadas como conectadas e 48% como desconectadas.

D'Aurea-Tardeli (2008) também desenvolveu um estudo considerando o lugar atribuído ao outro nos projetos de vida de adolescentes. Além disso, a pesquisa investigou a manifestação da solidariedade relacionada à elaboração de um projeto de vida ético e analisou as correlações entre o que os adolescentes pensam sobre si mesmos e suas projeções de futuro. Os instrumentos utilizados foram: (a) três histórias do *Prosocial Reasoning Objective Measure* (PROM) – para avaliar o nível de raciocínio moral pró-social; e (b) uma questão dissertativa livre sobre como desejariam que suas vidas estivessem daqui a 10 anos – para acessar os projetos de vida dos adolescentes. Do total de participantes, 82% incluíram o outro de alguma forma em seus projetos, tendo elaborado planos conectados, o que indica que o reconhecimento do outro é algo importante na construção dos projetos de vida desses adolescentes. Contudo, 18% dos adolescentes elaboraram planos de vida desconectados, apresentando motivações de caráter material e profissional. De todos os planos conectados, 67% incluíram apenas pessoas próximas – pais, cônjuge, filhos –, evidenciando interesses intrapessoais. Isso indica que a presença do outro no projeto de vida não basta para a elaboração de projetos solidários, visto que pode se dar devido a interesses particulares, como ajudar a própria família.

Araújo et al., (2014) desenvolveram um estudo a fim de identificar possíveis diferenças entre os projetos de vida de adolescentes engajados em atividades sociais e comunitárias e os projetos de adolescentes que não participam desse tipo de atividade. Assim como Miranda (2007) e D'Aurea-Tardeli (2008), o lugar destinado ao outro nos projetos de vida também foi investigado. O grupo de estudantes engajados socialmente mostrou maior consideração do outro em seus objetivos, maior foco para atingir suas metas e maior nível de satisfação de vida. Encontrou-se, ainda, uma associação entre a elaboração de projetos orientados para além do eu e o engajamento em atividades sociais e comunitárias. A diferença entre os grupos, de acordo com os autores, pode ser pensada pelo fato de que pessoas engajadas socialmente preocupam-se com os outros e com a construção de uma sociedade mais justa, o que se manifestaria também na construção dos projetos de vida.

O contexto cultural em que o adolescente está inserido é algo que influencia a sua passagem pela adolescência (Margulis, 2001). Famílias de nível socioeconômico baixo possuem características específicas que exercem influência na forma como os adolescentes vivenciam o período da adolescência (Amazonas, Damasceno, Terto, & Silva, 2003). Assim, pode-se pensar que o contexto também está relacionado à forma como os adolescentes elaboram seus projetos de vida. Dellazzana-Zanon e Freitas (no prelo) destacam que estudos recentes (Borges & Coutinho, 2010; D'Aurea-Tardeli, 2010; Furlani & Bomfim, 2010; Gonçalves et al., 2008; Leão, Dayrell, & Reis, 2011; Marcelino, Catão, & Lima, 2009; Nascimento, 2006)

atribuem ao contexto cultural importância fundamental na construção de projetos de vida. Assim, embora o projeto de vida possua um caráter individual, ele parte dos valores do contexto em que o indivíduo está inserido.

### **Projetos de Vida de Adolescentes de Nível Socioeconômico Baixo**

Trabalhos acerca dos projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo têm sido realizados em diferentes estados brasileiros: Paraíba (Marcelino et al., 2009); São Paulo (Cardoso & Cocco, 2003); Rio Grande do Sul (Dellazzana-Zanon, 2014); Pará (Leão et al., 2011; Nascimento, 2006); Paraná (Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007); e Rio de Janeiro (Teixeira, 2005). Essas pesquisas indicam que, embora esses adolescentes estejam inseridos em contextos de dificuldades socioeconômicas, eles elaboram projetos de vida, sendo três as áreas de interesse mais frequentes: (a) trabalho; (b) estudo; e (c) família.

Em todos os estudos, o exercício de uma atividade profissional parece ter um papel central nos projetos de vida dos participantes, estando relacionado à sobrevivência (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Teixeira, 2005), à ascensão social (Cardoso & Cocco, 2003; Marcelino et al., 2009; Teixeira, 2005;), à independência (Dellazzana-Zanon, 2014; Nascimento, 2006; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007) e à estabilidade financeira (Dellazzana-Zanon, 2014; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007). Essa atividade parece ser um aspecto organizador desses projetos (Nascimento, 2006; Teixeira, 2005), visto que os adolescentes atribuem à realização dos projetos relacionados ao trabalho a possibilidade de concretizar outros projetos. As pesquisas de Marcelino et al. (2009) e de Valore e Viaro (2007) foram realizadas com estudantes de escolas públicas e privadas e verificaram diferenças importantes entre os grupos. No primeiro estudo, a categoria profissão teve maior frequência entre os adolescentes de escolas públicas. No segundo, os estudantes de ensino particular mostraram-se preocupados com a escolha profissional, enquanto os de escolas públicas manifestaram a necessidade de entrar no mercado de trabalho, a fim de buscar a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida. Essas diferenças podem estar relacionadas às necessidades de sobrevivência e de estabilidade financeira, mais urgentes nessa classe social.

Assim como o trabalho, o estudo foi bastante mencionado pelos adolescentes (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Marcelino et al., 2009; Nascimento, 2006; Valore & Viaro, 2007), principalmente de forma relacionada à conquista de bons empregos e de qualificação para a entrada no mercado de trabalho (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Marcelino et al., 2009; Nascimento, 2006). A escola, porém, foi criticada pelos adolescentes por não cumprir as expectativas dos estudantes e por apresentar

limitações que os desmotivam a seguir estudando, tais como a falta de qualificação dos professores e de uma infraestrutura adequada (Leão et al., 2011; Nascimento, 2006).

Os projetos relacionados à constituição de família – principalmente em relação ao projeto de ter filhos – estão presentes na maioria das pesquisas (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Marcelino et al., 2009; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007), mas aparecem condicionados à aquisição de estabilidade financeira, proveniente dos projetos ligados ao estudo e ao trabalho (Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Marcelino et al., 2009; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007). A temática da família apareceu ainda relacionada a outros dois temas: (a) o auxílio aos familiares, isto é, projetos em que o adolescente pretende estabilizar-se financeiramente para ter condições de ajudar a família de origem (Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Teixeira, 2005); e (b) a necessidade do apoio da família para que a concretização dos projetos de vida seja possível (Cardoso & Cocco, 2003; Teixeira, 2005; Zonta, 2007).

### **Justificativa e Objetivos do Estudo**

O questionamento “Que projetos de vida formulam os adolescentes no que diz respeito aos relacionamentos afetivos?” é pertinente, quando se consideram alguns aspectos quanto aos relacionamentos afetivos e aos projetos de vida na adolescência. Quanto aos relacionamentos afetivos, os aspectos são os seguintes: (a) os relacionamentos afetivos constituem um importante aspecto da construção da identidade na adolescência (Erikson, 1968/1976); (b) existem poucos estudos que se dediquem a investigar o que pensam os adolescentes sobre os relacionamentos amorosos e como os vivenciam (Dias, Jager, Patias, & Oliveira, 2013; Matos, Barbosa, & Costa, 2001); (c) mudanças significativas nas possibilidades de relacionamento afetivo têm ocorrido nos últimos anos, as quais influenciam as vivências da adolescência (Jesus, 2005; Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010). Em relação ao estabelecimento de projetos de vida é importante considerar que: (a) autores clássicos e contemporâneos entendem que a elaboração de projetos de vida é fundamental para a inserção do adolescente no mundo adulto e produz benefícios para o indivíduo (Damon, 2009; Minehan et al., 2000; Piaget & Inhelder, 1955/1976); (b) existe uma estreita relação entre o estabelecimento de projetos de vida e de um sentido para a vida (Dellazzana-Zanon & Freitas, 2014; La Taille, 2006).

Dessa forma, os objetivos do estudo são: (a) investigar a existência de projetos de vida em relação a relacionamentos afetivos em adolescentes de nível socioeconômico baixo; e (b) examinar o conteúdo dos projetos de vida sobre relacionamentos afetivos desses adolescentes.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo seis adolescentes de nível socioeconômico baixo, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idade entre 14 e 16 anos, estudantes do Ensino Fundamental de escolas municipais de Porto Alegre – RS.

### Delineamento e Procedimentos

Utilizou-se um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), a fim de investigar a elaboração de projetos de vida de adolescentes quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos. A estratégia do estudo de caso coletivo foi escolhida devido aos objetivos: (a) de pesquisar como os adolescentes elaboram esses projetos (Yin, 2001); e (b) de aprofundar aspectos da subjetividade dos participantes (Stake, 1994), isto é, a forma com que eles expressam a elaboração de seus projetos de vida. Além disso, o delineamento de estudo de caso coletivo faz-se interessante para esse estudo devido ao fato de focar fenômenos contemporâneos e não exigir o controle de variáveis (Yin, 2001).

A coleta dos dados foi realizada em duas etapas. Na primeira, os participantes responderam por escrito os seguintes instrumentos: (a) Ficha de Dados Biossociodemográficos; e (b) Depoimento sobre projetos de vida (D'Aurea-Tardeli, 2008). Na segunda etapa, os adolescentes foram entrevistados individualmente pela mesma pesquisadora, em suas respectivas escolas. A entrevista foi conduzida de acordo com as regras do método clínico (Alencar & Ortega, 2003; Delval, 2002; Piaget, 1926/sd).

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (protocolo número 20849). Todos os adolescentes e seus responsáveis legais leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

### Instrumentos

*Ficha de Dados Biossociodemográficos* - Esta ficha teve por objetivo coletar dados sobre os adolescentes e sobre as suas famílias, a fim de caracterizar a amostra. Sobre o participante, coletou-se informações relacionadas à sua identificação e à sua escolaridade. Em relação à família, os dados coletados referem-se às pessoas que moram com o participante, ao número de irmãos e à sua ordem de nascimento.

*Depoimento Escrito sobre Projetos de Vida* (D'Aurea-Tardeli, 2008) – Trata-se de uma questão aberta de autorrelato em que os participantes foram solicitados a responder por escrito a seguinte situação-problema hipotética: “Pense na pessoa que você é hoje. Imagine você mesmo daqui a 10 anos. Descreva como você desejaria que estivesse sua vida”.

*Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida* (Miranda, 2007) – Esta entrevista tem como objetivo identificar a existência de projetos de vida de adolescentes e investigar o conteúdo desses projetos (Anexo). Dessa forma, a primeira parte da entrevista consiste nas seguintes questões: (a) “Quem é você no futuro do jeito que você gostaria que fosse?”, (b) “Qual, entre todos os projetos que você elaborou é o mais importante?” e (c) “Qual é o menos importante?”, e a partir do que os participantes responderam, foram feitas outras perguntas a fim de conhecer melhor os projetos de vida e suas justificativas. Em uma segunda parte da entrevista, caso o adolescente não tivesse mencionado projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos, era feita a seguinte pergunta: “Tu tens algum projeto de relacionamento afetivo?”. Neste estudo, os resultados enfocam as respostas dos participantes relacionadas a essa última questão.

### **Procedimentos de Análise de Dados**

As respostas ao Depoimento Escrito sobre Projetos de Vida (D’Aurea-Tardeli, 2008) e à fase A da Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida (Miranda, 2007) foram analisadas qualitativamente a partir de uma estrutura de categorias elaborada por Dellazzana-Zanon (2014). Essa estrutura é composta de seis categorias: (a) carreira – projetos relacionados a trabalho e a estudo; (b) família – projetos quanto à família de origem e à constituição de nova família; (c) bens materiais – projetos ligados à aquisição de bens materiais e à independência e à estabilidade financeiras; (d) felicidade – projetos que mencionam felicidade própria ou da família; (e) generosidade – projetos relacionados a ajudar a família; e (f) outros – projetos que não puderam ser classificados em nenhuma das categorias anteriores.

Em relação à fase B da Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida (Miranda, 2007), que diz respeito à temática dos relacionamentos afetivos, os resultados foram analisados quanto: (a) a presença de projetos de vida quanto a relacionamentos afetivos; (b) o conteúdo e a justificativa desses projetos; (c) o grau de importância atribuído aos projetos; e (d) as características desejadas e não desejadas quanto aos futuros parceiros.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos resultados obtidos a partir da Ficha de Dados Biossociodemográficos, foi possível caracterizar a amostra de participantes. A Tabela 1 apresenta essa caracterização:

Tabela 1  
*Caracterização da Amostra*

Participante*	Sexo	Idade	Escolaridade	Configuração Familiar	Nº de Irmãos	Posição
Cecília	F	14	6ª série	Original	4	2ª
Natália	F	14	7ª série	Original	3	1ª
Nina	F	14	7ª série	Monoparental	2	1ª
Clara	F	15	8ª série	Reconstituída	5	3ª
Cássio	M	15	7ª série	Reconstituída	1	1º
Nicolas	M	16	8ª série	Original	4	2º

\*Os nomes dos adolescentes sofreram alteração a fim de preservar o sigilo quanto à identidade dos participantes.

O relato dos casos será realizado da seguinte maneira: cada caso será descrito com base nas respostas a cada um dos instrumentos: (a) Ficha de Dados Biossociodemográficos; (b) Depoimento Escrito sobre Projetos de Vida; (c) Fase A da Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida; e (d) Fase B da Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida, com enfoque nas respostas desse último item, tendo em vista o objetivo do estudo. Posteriormente será realizado um cruzamento geral dos casos, apresentado juntamente com a discussão dos resultados.

### **Caso 1 – Cecília**

Cecília, no momento da entrevista, estava com 14 anos e residia com seus pais, sendo a 2ª filha do casal, e com seus quatro irmãos. Em sua resposta ao depoimento escrito, Cecília mencionou seis projetos: (a) dois projetos quanto à carreira: ter um bom emprego e terminar os estudos; (b) um projeto da categoria família: ter um filho; (c) dois projetos relativos à categoria bens materiais: ter uma boa casa e ter independência; e (d) um projeto pertencente à categoria outros: ter um bom namorado.

Na fase A da entrevista, Cecília mencionou dois projetos de forma espontânea: trabalhar como psicóloga e ajudar sua família de origem. Dentre esses projetos, Cecília entende que o trabalho é o mais importante: *“Porque eu acho que daí vai ser bem melhor pra mim. Eu vou ter um emprego, eu vou ter as minhas coisas, não vou precisar depender de ninguém pra nada, eu vou ter alcançado meus objetivos.”*. Contudo, não considera o projeto de ajudar a família como menos importante: *“Não menos importante, mas em segundo lugar... Se eu não conseguir ser psicóloga... Não vou dizer que não vai ter como eu ajudar [a família], mas vai ser um pouco mais difícil.”*

Quando questionada sobre a existência de projetos quanto a relacionamentos afetivos, Cecília afirmou querer casar e ter filhos. Contudo, a participante não conseguiu explicar por que tem esses projetos e por que acredita que irá atingi-los futuramente, dizendo: *“é uma coisa que todo mundo tem, é uma coisa normal. Uma coisa que faz parte.”*; *“Por quê, por quê...”*

*Acho que não tem um porquê pra isso.*”. Além disso, deixa claro que esses dois projetos são secundários e dependem da concretização de seus outros projetos, isto é, trabalhar como psicóloga e ajudar a família: *“Em casar, em ter filhos, mas bem mais... Bem mais além. Quando eu conseguir alcançar os objetivos anteriores”*.

Para a concretização dos projetos de casar e de ter filhos, Cecília acredita que é necessário encontrar alguém que possibilite isso: *“Primeiro tem que conhecer uma pessoa que eu gosto, que eu tenha certeza que é com ela que vai acontecer.”*. Quando questionada em relação às características que gostaria e que não gostaria que essa pessoa tivesse, a participante respondeu: *“[Gostaria] Que fosse uma pessoa muito sincera, legal e companheira.”*; *“[Não gostaria] que fosse uma pessoa chata, nojenta. Tipo, não fosse companheiro.”*. Para Cecília, ser companheiro é: *“É me apoiar e tá comigo sempre, tipo, acompanhar as minhas decisões, sendo elas erradas ou não.”*.

### **Caso 2 – Natália**

Natália estava com 14 anos, no momento da entrevista, e residia com seus avós, seus pais e seus três irmãos. Ela é a filha mais velha. No depoimento escrito, Natália mencionou quatro projetos de vida: (a) dois projetos relativos à carreira: trabalhar como professora de dança e fazer faculdade de medicina; (b) um projeto quanto à aquisição de bens materiais: ter uma casa melhor; e (c) um projeto da categoria generosidade: ajudar os pais.

Na fase A da entrevista, Natália mencionou espontaneamente quatro projetos de vida: (a) três desses projetos referem-se à categoria carreira: ter um emprego bom, estudar e fazer faculdade; e (b) um projeto da categoria bens materiais: ter uma casa. A adolescente faz uma diferenciação entre os projetos de estudar e de fazer faculdade, sendo o primeiro relacionado à conclusão do Ensino Médio. Dentre todos os projetos mencionados, Natália considera o estudo o mais importante deles: *“Eu acho que o estudo com certeza é o mais importante entre tudo, porque é o estudo que vai avançar pra tu ter trabalho, pra faculdade.”*. Quanto ao projeto menos importante, Natália escolheu o trabalho. Ela justifica: *“a faculdade é mais importante que o trabalho, porque se tu fizer a faculdade tu vai tá garantido que tu vai ter um emprego.”*.

Natália não mencionou de maneira espontânea projetos quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos. Contudo, quando questionada sobre isso, a participante, que na época namorava há um ano e meio, relatou que tem projetos relativos ao namorado, com quem pretende manter o relacionamento e formar uma família: *“Eu imagino assim ó, a gente tendo uma casa boa pra morar, sabe, tendo condições. Eu trabalhando, ele trabalhando, depois a gente pensa em ter filho.”*. Para concretizar esses projetos, Natália entende que é importante que o casal mantenha-se unido: *“Nenhum fazendo nada de errado pro outro, pra gente ficar*

*junto, porque eu amo ele e eu sei que ele me ama. Então é tipo a gente ficar junto, trabalhar, se esforçar, pro futuro tá garantido.”* A participante acredita que para manter-se unido e sem fazer “*nada de errado pro outro*”, é necessário demonstrar afeto: “*Então é assim ó, se tu demonstrar carinho, tu demonstrar que tu quer mesmo ficar com ele, ele não vai ter por que fazer uma coisa de errado pra ti.”*”

Quanto às características importantes em um parceiro, Natália falou das características que gosta em seu namorado: “*Ele é carinhoso, ele é um bom namorado, se tu precisa dele, ele sempre te ajuda. Ele tá sempre contigo.”* A participante citou também características que não gostaria que seu parceiro tivesse: “*Ai, que ele fosse um galinha... Que ele não desse carinho, que ele não tava nem aí pra namorada.”* Natália justifica suas respostas: “*Se é pra namorar sério tu tem que ajudar a pessoa e a pessoa te ajudar. Um tem que auxiliar o outro.”*”

Embora Natália esteja em um namoro, durante a entrevista, a participante falou também sobre outras formas de relacionamento presentes entre os adolescentes com quem convive: “*Hoje em dia, as gurias só querem festinha, essas coisas, e não querem nada sério, só querem um beijo e já eras.”* Ainda, ao falar da importância de demonstrar carinho pelo namorado, Natália simula um possível pensamento de seu namorado: “*Aquela ali eu quero pra ser a minha mulher, aquela ali eu quero pra ser a mãe dos meus filhos, não quero aquela ali só pra ficar.”*”

### **Caso 3 – Nina**

No momento da entrevista, Nina estava com 14 anos e residia com a mãe e com seus dois irmãos. Ela é a filha mais velha. A adolescente mencionou seis projetos de vida ao responder o depoimento escrito: (a) dois projetos quanto à carreira: trabalhar e fazer faculdade de direito; (b) dois projetos ligados à família: morar com um namorado e ter uma boa relação com a família de origem; e (c) dois projetos relacionados à categoria bens materiais: ter uma casa e ser independente.

Já na fase A da entrevista, Nina mencionou de forma espontânea três projetos de vida, relacionados às categorias carreira, bens materiais e outros: (a) ter uma profissão; (b) ter uma casa boa; e (c) saúde para si e para a família. Ao ser questionada quanto ao grau de importância desses projetos, Nina escolheu o projeto relativo à saúde como o mais importante: “*Porque pra poder trabalhar, pra poder ter uma casa boa, tu tem que ter saúde. Senão, não tem nenhum dos dois.”* Quanto ao projeto menos importante, Nina elencou o projeto de ter uma casa boa e explicou: “*Porque a casa boa... É, é alguma coisa que a gente pode, sei lá, conseguir depois, mas a saúde e o trabalho a gente precisa fazer, ter primeiro pra poder atingir a casa boa.”*”

Nina não mencionou espontaneamente projetos relativos ao estabelecimento de relacionamentos afetivos. Contudo, ao ser questionada sobre isso, manifestou a vontade de

casar e de ter filhos: *“Quero ter filhos, quero ter marido, quero ter casa cheia, família grande.”*. A participante justificou esses projetos relacionando o estabelecimento desses relacionamentos com felicidade: *“Porque ninguém é feliz sozinho, porque tem que ter pessoas do nosso lado pra gente poder ser feliz.”*

Em relação à maneira de atingir esses objetivos, Nina falou da necessidade de encontrar uma pessoa que possibilite o projeto de casar: *“Tem que achar uma pessoa, uma pessoa que goste de mim, tem que ser uma pessoa boa.”*. Quanto a ter filhos, a adolescente relacionou a possibilidade de realizar esse projeto com o término dos estudos e com a inserção no mercado de trabalho: *“Filhos, daqui a muito, muito, muito tempo, muito, muito, muito. Primeiro quero trabalhar, estudar pra depois pensar nisso.”*. Quanto às características de seu futuro parceiro, Nina respondeu que gostaria de alguém que seja sincero, que tenha caráter, que seja uma pessoa boa e que não seja mentiroso.

#### **Caso 4 – Clara**

Clara estava com 15 anos, no momento da entrevista, e residia com a mãe, o padrasto e cinco irmãos. Ela é a terceira filha. Ao responder o depoimento escrito, Clara mencionou quatro projetos de vida: (a) um projeto em relação à carreira: um bom emprego; (b) um projeto ligado à categoria bens materiais: ter boas condições de vida; (c) um projeto que refere-se à categoria generosidade: ajudar a família; e (d) um projeto categorizado como outros: viajar o mundo.

Na fase A da entrevista, Clara também mencionou quatro projetos, contudo esses projetos apresentaram outra distribuição e algumas diferenças quanto ao conteúdo, em comparação com aqueles citados no depoimento. A adolescente falou de forma espontânea nos seguintes projetos: (a) trabalhar e fazer faculdade: que dizem respeito à categoria carreira; (b) ter uma vida econômica melhor: ligado à categoria bens materiais; e (c) ajudar a mãe: projeto relativo à categoria generosidade.

Quando questionada quanto ao grau de importância desses projetos, a adolescente respondeu que considera o projeto de ajudar a mãe o mais importante porque entende que dessa forma sua mãe poderá ajudar seus irmãos menores: *“Não sei, mas eu quero, é uma coisa que eu quero muito, ajudar ela. Eu acho que, se eu ajudar ela, ela vai ter mais condição de ajudar meus irmãos menores.”*. Clara não considera nenhum de seus projetos menos importante, pois entende que eles estão relacionados: *“Nenhum deles é pouco importante, assim. Eu não tenho um que não seja importante pra mim, na minha vida. Porque um se interliga no outro. Se eu trabalhar, eu vou poder ter uma vida econômica melhor, fazer faculdade e ajudar minha mãe.”*

Na fase B da entrevista, quando questionada sobre a existência de projetos quanto ao estabelecimentos de relacionamentos afetivos, Clara mencionou o projeto de ter um namorado,

em um primeiro momento. Já ao final da entrevista, a participante disse que também tem o projeto de casar e de ter filhos.

Quanto ao projeto de ter um namorado, Clara teve bastante dificuldade em explicar por que tem esse projeto: *“Não sei, isso é uma pergunta que eu não sei responder.”*. Depois de ser mais interrogada quanto a isso, a participante conseguiu elaborar uma justificativa, relacionada a ter o apoio de alguém de fora da família: *“Sempre é bom ter uma pessoa do teu lado pra te apoiar, além da família. Pra andar junto contigo quando tu precisa.”*. Em relação às características desse futuro namorado, Clara gostaria que fosse alguém inteligente, carinhoso e compreensivo e não gostaria que fosse *“galinha”* e idiota.

Quanto a ter filhos, Clara disse que pretende ter apenas um filho, pois observou as dificuldades enfrentadas pela mãe para cuidar de muitas crianças: *“Eu gosto de criança, só que é difícil criar muitos filhos. Experiência da minha mãe. Então eu pretendia ter um filho só.”*. Por fim, quanto ao casamento, Clara afirmou que seu futuro namorado poderia vir a se tornar seu marido, mas que isso independe das características enumeradas por ela anteriormente, visto que, para a adolescente, não é possível escolher por quem ela irá se apaixonar: *“Mas também a gente não visa muito isso na hora. A gente não escolhe de quem a gente gosta. Tu não vai ‘Ah, é aquele ali’. Aí o cara é um completo retardado e não serve.”*.

### **Caso 5 – Cássio**

Cássio, no momento da entrevista, estava com 15 anos e residia com a mãe, o padrasto e um irmão, mais novo que Cássio. Em seu depoimento escrito, Cássio mencionou oito projetos de vida: (a) dois projetos da categoria carreira – ter um trabalho e administrar um restaurante com a mãe; (b) dois projetos da categoria bens materiais – ter uma casa própria e ter um carro; (c) um projeto da categoria felicidade – fazer toda a família feliz; (d) três projetos da categoria generosidade – dar uma boa casa para a mãe e para os irmãos, ajudar familiares e dar um restaurante para a mãe.

Na fase A da entrevista, Cássio mencionou apenas dois projetos espontaneamente: (a) um projeto relativo à carreira - trabalhar como advogado; e (b) um projeto relacionado à generosidade - ajudar a mãe e os irmãos. Quanto ao grau de importância, Cássio definiu o projeto de ajudar a família como o mais importante, pois gostaria muito de poder retribuir o apoio que recebe dos familiares: *“porque eles sempre me ajudaram em tudo e eu gostaria de retribuir.”*. O projeto de trabalhar como advogado foi considerado por Cássio como menos importante, mas não soube explicar o porquê, apenas entende que precisa priorizar a ajuda aos familiares.

Cássio não mencionou espontaneamente projetos quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos, no entanto, na fase B da entrevista, respondeu que gostaria de casar e de ter filhos. Quanto às justificativas desses projetos, Cássio demonstrou dificuldades para pensar por que tem esses projetos: *“É que todo mundo... Quase a maioria tem, né, mas é que tem que ver com quem... Depende, às vezes, tu casa ou não casa... Ter filho é normal, a gente vai ter.”*. Quando questionado pela pesquisadora sobre justificativas mais pessoais, Cássio falou da importância de ter alguém para dividir momentos felizes: *“A gente daí, por exemplo, se a gente vai morar sozinho, não vive sozinho, sempre tem alguém pra... Sorrir, brincar, feliz.”*. Ao falar sobre como pretende realizar esses projetos, Cássio disse que pretende ter filhos antes de casar: *“Filhos, eu gostaria de ter primeiro antes de casar, daí depois a gente vai ver; se dá pra casar, a gente casa. Sei lá, a gente não sabe dizer se vai continuar junto. Porque casar não é assim, só tu casa e já...”*.

Quanto às características que gostaria e que não gostaria que sua parceira tivesse, Cássio falou que gostaria de alguém legal, gentil e trabalhadora e que não gostaria que fosse uma pessoa *“gastadeira”, “briguenta”* e que não ajudasse em casa. O participante falou da importância do apoio mútuo: *“Legal, assim, um ajudar o outro, se tornar uma família muito boa. Não ter nada de ruim, assim, pra acontecer, sempre dar o melhor que puder. Porque eu acho que seria bom pra um e pro outro, sempre um ajudando o outro. Porque isso aí não fica ruim nem pra um nem pra outro. É bom ajudar, tanto a família quanto a esposa.”*.

### **Caso 6 – Nicolas**

Nicolas estava com 16 anos, no momento da entrevista, e morava com os pais e com seus quatro irmãos. O adolescente é o segundo filho do casal. No depoimento escrito, Nicolas mencionou apenas um projeto de vida, relativo à categoria outros: ter uma banda de rock. Em seu depoimento, o participante falou sobre as incertezas quanto ao futuro: *“Eu não quero imaginar o futuro porque eu aprendi a nunca planejar nada deixar tudo na base do improvisado e curtir o máximo que eu puder porque nunca se sabe quando eu vou morrer né. O meu futuro quero deixar como uma coisa desconhecida não quero nem imaginar.”*.

Já na fase A da entrevista, Nicolas citou cinco projetos: (a) dois projetos da categoria carreira – trabalhar e fazer faculdade de psicologia; (b) um projeto da categoria bens materiais – ter uma casa; e (c) dois projetos da categoria outros – ser responsável e ter uma banda. Quanto ao grau de importância desses projetos, Nicolas entende que o projeto mais importante é o de ser responsável, pois a concretização desse projeto possibilitaria a realização dos outros projetos: *“O mais importante é a responsabilidade porque... O mais importante é esse, porque se eu não tiver isso, então já eras, então eu vou ter nada.”*. Já o projeto de ter uma banda foi

considerado por Nicolas como o menos importante, pois o participante entende que trata-se de um projeto relacionado apenas à diversão e que é *“coisa de adolescente”*: *“Porque ainda assim como eu posso pensar em querer ter uma banda e ser famoso, é ainda a coisa como eu falei aquela hora, coisa de momento, coisa de adolescente. Porque uma hora tu tá com vontade, outra hora não. É só uma parte da vida só, quando tu tá naquela coisa de descobrir, quando tu tá naquela fase que quer descobrir coisas novas, fazer coisas novas.”*

Quanto à constituição de família, Nicolas mencionou o tema na fase A da entrevista, mas não como algo que compõe um projeto de vida. Enquanto citava seus projetos, disse: *“Uma família, eu não sei. Isso agora não vem ao caso, até porque eu sou novo.”* Quando questionado sobre isso, na fase B da entrevista, Nicolas disse não querer ter uma companheira e nem ter filhos, pois a partir das experiências que já teve, Nicolas entende que ter uma companheira e ter filhos seria algo negativo que traria brigas e desentendimentos, além de dificuldades financeiras. Sobre o casamento, Nicolas respondeu: *“Porque bá, eu tiro base, eu olho em várias famílias. Do nada assim, bá, o marido tá trabalhando, tudo bem, trazendo dinheiro pra dentro de casa, e a mulher só encrenca, e só pede mais, e só isso, e só aquilo e só briga. E mesmo assim, ele é obrigado a continuar lá, porque se sair de casa tem que pagar pensão. Como eu já sou meio estressado assim, aí já é 90% de chance que vai acontecer isso.”* Sobre os filhos, o participante disse: *“Porque em casa assim, eu olho pra minha mãe e pro meu pai... É difícil pra eles. Às vezes eles não expressam, não falam, mas às vezes dá pra ver assim, eles expressam no rosto como tá sendo difícil alimentar todo mundo, dar coisas pra todo mundo, conversar com eles... Então eu já penso, bá, eu não quero passar por isso.”*

Além disso, Nicolas acredita que esses projetos não condizem com a sua maneira de viver e com o seu temperamento, visto que já teve relacionamentos e não gostou da experiência: *“Eu até já tive muitas namoradas já, mas foi a parte que mais me deu problema. Porque, bá, eu não sei, eu não consigo manter uma relação por muito tempo, é questão de um mês e... Desanda tudo depois, começamos a brigar e... Nunca dá certo.”*

Ainda que não queira ter uma companheira, Nicolas elencou algumas características que gostaria e que não gostaria que uma futura parceira tivesse. O participante disse que gostaria de encontrar alguém que não brigasse, que o entendesse e que respeitasse o seu espaço. Além disso, não gostaria de alguém que fosse *“grudenta”* e *“apertada”*.

Para melhor visualização dos resultados acima descritos, apresenta-se na Tabela 2 uma síntese dos resultados obtidos com relação aos projetos de vida dos participantes. Esta síntese faz-se importante para que se possa realizar o cruzamento dos resultados encontrados em cada caso.

Tabela 2

*Síntese dos Resultados quanto aos Projetos de Vida dos Participantes*

Partic	Depoimento Escrito sobre Projetos de Vida						Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida								
	Car	Fam	BM	Fel	Gen	Out	Fase A				Fase B				
							Car	BM	Gen	Out	PV mais importante	PV menos importante	Casar	Ter filhos	Namorar
Cecília	2	1	2	-	-	1	1	-	1	-	Trabalhar como psicóloga	-	Sim	Sim	-
Natália	3	-	1	-	-	-	3	1	-	-	Estudar	Trabalho para pagar a faculdade	Sim	Sim	-
Nina	2	2	2	-	-	-	1	1	-	1	Saúde para si e para a família	Ter uma casa boa	Sim	Sim	-
Clara	1	-	1	-	1	1	2	1	1	-	Ajudar a mãe	-	Sim	Sim	Sim
Cássio	2	-	2	1	2	-	1	-	1	-	Ajudar a família	Trabalhar como Advogado	Sim	Sim	-
Nicolas	-	-	-	-	-	1	2	1	-	2	Ser responsável	Ter uma banda	Não	Não	Não

Legenda: Partic: Participante; Car: Carreira; Fam: Família; BM: Bens Materiais; Fel: Felicidade; Gen: Generosidade; Out: Outros; PV: Projeto de Vida.

## **Cruzamento Geral dos Resultados e Discussão**

No que se refere ao primeiro objetivo desse trabalho – investigar a existência de projetos de vida quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos – um resultado chama bastante atenção: a inexistência de participantes que tenham mencionado de forma espontânea projetos de vida sobre relacionamentos afetivos na Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida. Além disso, no depoimento escrito, apenas duas participantes (Cecília e Nina) citaram espontaneamente projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos. Esse resultado difere do que foi encontrado no estudo de Miranda (2007), em que a categoria relacionamentos afetivos foi mencionada espontaneamente pelos adolescentes durante a Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida.

No entanto, quando questionados diretamente sobre a existência desses projetos, cinco participantes (Clara, Cássio, Cecília, Natália e Nina) responderam positivamente à pergunta, afirmando ter projetos de vida sobre relacionamentos afetivos. Quanto ao seu conteúdo, os cinco adolescentes responderam que querem casar e ter filhos. Clara, contudo, relatou querer ter um namorado no futuro, mencionando apenas ao final da entrevista projetos de casamento e de constituição de família. Nicolas foi o único participante a afirmar não querer casar nem ter filhos no futuro.

Dessa forma, a inexistência de participantes que tenham mencionado de forma espontânea projetos de vida sobre relacionamentos afetivos na entrevista, não parece indicar a ausência desses projetos entre os participantes da pesquisa. Isto é, esses adolescentes possuem projetos de casar e de ter filhos, mas o que faz com que eles não manifestem esses projetos de maneira espontânea?

Um dos resultados que parece estar associado a isso é a dificuldade que alguns participantes enfrentaram para pensar sobre os projetos de vida quanto a relacionamentos afetivos, mesmo quando questionados sobre o assunto. Clara, Cecília, Nina e Cássio mostraram-se confusos e com dificuldades para responder perguntas sobre seus projetos quanto aos relacionamentos afetivos. Em algumas de suas respostas, é possível observar isso. Clara, ao ser questionada sobre por que ter um namorado, responde: *“Não sei, isso é uma pergunta que eu não sei responder. Mas acho que sim, ter um namorado.”*. Também foi difícil para essa participante responder por que ela acha que irá conseguir ter um namorado no futuro: *“Ai, eu não consigo (risos)... Eu não consigo explicar. Não sei, só acho que deve ser mais fácil. Eu não sei. Nunca tive um pra saber.”*.

Cecília e Nina também demonstram essas dificuldades. Cecília inclusive assinala uma possível explicação para essas dificuldades: ela não costuma pensar sobre seus projetos de vida

quanto aos relacionamentos afetivos. A adolescente, ao tentar responder por que gostaria de casar e de ter filhos, disse: *“Sei lá, porque é uma coisa que todo mundo tem, é uma coisa normal. Uma coisa que faz parte.”*; *“Eu queria ter, mas bem depois, assim. Não sei, não penso ainda.”*. Já Nina, diz não saber por que acha que irá concretizar o projeto de casar e de ter filhos: *“Por quê? Porque sim... (risos) Não sei.”*.

Por fim, Cássio parece ter dificuldade em pensar em justificativas pessoais para seus projetos, utilizando justificativas calcadas no que ele observa que a sociedade em geral costuma fazer. Ao falar sobre por que ter filhos, ele disse: *“É que todo mundo... Quase a maioria tem, né, mas é que tem que ver com quem... Ter filho é normal, a gente vai ter.”*. Ao explicar por que acredita que conseguirá casar e ter filhos, falou: *“Porque eu tenho que sempre dar tudo o que eu posso pra ajudar... Isso aí é normal, isso aí é fácil de conseguir.”*. As falas dos participantes, associadas com a ausência de citações espontâneas quanto aos projetos sobre relacionamentos afetivos, colocam a seguinte questão: por que, para esses adolescentes, é difícil pensar sobre os relacionamentos afetivos futuros?

Uma possível explicação para isso é a priorização de projetos relativos ao trabalho e ao estudo por parte de adolescentes de nível socioeconômico baixo. Os projetos relacionados ao trabalho são encarados pelos adolescentes como necessários para que a realização de outros projetos se torne possível (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Marcelino et al., 2009; Nascimento, 2006; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007). O estudo, por sua vez, também é uma área de interesse bastante mencionada pelos adolescentes, que percebem os projetos relativos a essa temática como necessários para o ingresso no mercado de trabalho e para a realização dos projetos quanto ao trabalho (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Marcelino et al., 2009; Nascimento, 2006). A constituição de família e o estabelecimento de relacionamentos afetivos aparecem como dependentes da aquisição de estabilidade financeira, proveniente dos projetos ligados ao estudo e ao trabalho. Devido às dificuldades econômicas enfrentadas pelos adolescentes de nível socioeconômico baixo, pode-se pensar que a estabilidade financeira tenha caráter de urgência na elaboração de seus projetos de vida, o que pode estar contribuindo para que o estudo e o trabalho ganhem importância.

As respostas dos participantes deste estudo corroboram os resultados descritos e, portanto, evidenciam a importância do trabalho e do estudo para a concretização dos projetos relativos aos relacionamentos afetivos. As quatro participantes do sexo feminino mencionaram essa questão de maneira bem explícita ao longo da entrevista. Clara e Cecília, ao serem questionadas sobre a existência de projetos de vida quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos, responderam: *“Não sei, depois de tudo isso aí, se sobrar tempo, sim.”*

(Clara); *“Em casar, em ter filhos, mas bem mais... Bem mais além. Quando eu conseguir alcançar os objetivos anteriores.”* (Cecília). Já Natália e Nina entendem que o projeto de ter filhos depende da conquista de estabilidade financeira e de casa própria. No entanto, essas participantes não condicionam o casamento à concretização desses projetos. Pode-se pensar, portanto, que devido à urgência de realizar os projetos relativos ao trabalho e ao estudo, os projetos de vida ligados ao casamento e a ter filhos sejam colocados em segundo plano, não sendo o foco desses adolescentes e, devido a isso, não são mencionados de maneira espontânea.

Outro ponto que pode estar ligado à ausência de manifestação espontânea dos projetos quanto aos relacionamentos afetivos diz respeito às expectativas sociais em relação à adolescência. O trabalho está no centro da demanda social relacionada à adolescência, encarada como o momento do desenvolvimento em que se espera que o indivíduo faça escolhas profissionais e ingresse no mercado de trabalho. Segundo Piaget e Inhelder (1955/1976), a inserção no mercado de trabalho é fundamental para aproximar os projetos de vida dos adolescentes da realidade. A partir dessa temática, é interessante pensar nos resultados encontrados pelo estudo de Stengel e Tozo (2010) quanto aos projetos que os pais de adolescentes têm para os seus filhos. Assim como os adolescentes, os pais priorizaram projetos relativos ao estudo e ao trabalho e consideraram que o estabelecimento de relacionamentos sérios e a parentalidade são projetos que não dizem respeito à adolescência, entendendo que seus filhos devem pensar sobre essas questões em um momento mais tardio do ciclo vital. Nesse sentido, pode-se pensar que há uma demanda social para que os adolescentes priorizem o estudo e o trabalho e requeiem os projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos para a vida adulta.

Há ainda outro aspecto que pode estar relacionado com esses resultados: as experiências vivenciadas até então por esses adolescentes. Os únicos participantes que não falaram sobre a dificuldade para pensar sobre a temática dos relacionamentos afetivos futuros foram Nicolas e Natália. Nicolas, o único a afirmar não querer relacionamentos afetivos no futuro, já teve namoradas e relatou ter observado outros casais. Ele percebe esses relacionamentos como experiências negativas, em função de brigas e de discussões. Além disso, entende-se *“mais adaptado à diversão”* e acredita que estar com alguém atrapalharia essa sua forma de vida. Por isso, não pretende casar ou ter um relacionamento estável no futuro. Nicolas disse observar também as dificuldades que seus pais enfrentam para cria-lo e que devido a isso, não quer filhos: *“Porque em casa, assim, eu olho pra minha mãe e pro meu pai... É difícil pra eles. Às vezes eles não expressam, não falam, mas às vezes dá pra ver assim, eles expressam no rosto como*

*tá sendo difícil alimentar todo mundo, dar coisas pra todo mundo, conversar com eles... Então eu já penso, bá, eu não quero passar por isso.”.*

O fato de já ter vivenciado experiências de relacionamentos afetivos parece contribuir para a elaboração dos projetos de vida de Nicolas, e o mesmo processo parece ocorrer com Natália. A adolescente é a única participante que estava em um relacionamento no momento da entrevista e é também a única participante que conseguiu responder, de forma mais elaborada, como pretende atingir os objetivos de casar e de ter filhos. Enquanto os outros participantes deram respostas vagas ou afirmaram não saber ou não pensar em como conquistariam esses objetivos, Natália parece ter metas mais claras: *“Então é tipo a gente ficar junto, trabalhar, se esforçar, pro futuro tá garantido, entendeu, ter uma casa... Ele tem o nome dele limpo, ele pode financiar uma casa... Então tem várias maneiras de alcançar.”.* Ela percebe seu relacionamento atual como algo positivo e, por isso, pretende preservá-lo para poder casar com seu namorado no futuro.

A experiência vivida como um elemento importante para a construção de projetos de vida sobre relacionamentos afetivos também pode ser observada nas respostas de Clara. Embora a adolescente manifeste, em diversos momentos da entrevista, não saber ou não pensar sobre seu projeto de ter um namorado, algo que ela ainda não vivenciou, quando questionada sobre o projeto de ter filhos, a participante mostra-se mais decidida: *“Eu gosto de criança, só que é difícil criar muitos filhos. Experiência da minha mãe. Então eu pretendia ter um filho só.”.* A experiência de acompanhar o dia a dia da mãe com seus irmãos parece influenciar na maneira com que a participante elabora o projeto de ter filhos.

Quanto aos resultados que dizem respeito ao segundo objetivo desse estudo – examinar o conteúdo dos projetos de vida sobre relacionamentos afetivos desses adolescentes – um tema em especial chama atenção: o casamento e a constituição de família com filhos. Dentre os seis participantes, cinco mencionaram os projetos de casar e de ter filhos. Nicolas, embora tenha afirmado não ter projetos quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos futuros, parece basear suas respostas em apenas uma possibilidade de elaboração desse tipo de projeto: casar e ter filhos. O adolescente não parece conseguir vislumbrar outros tipos de relacionamento afetivo e refere-se durante toda a entrevista ao casamento como algo que ele não quer para si, mas não menciona outras possibilidades. A partir das respostas dos participantes, pode-se pensar que eles encaram o termo relacionamento afetivo futuro quase como sinônimo de casamento.

Nesse sentido, é importante considerar que o “ficar”, embora seja a forma mais representativa de relacionamento entre os adolescentes (Justo, 2005), não foi citado como um

tipo de relacionamento possível para o futuro. Esse resultado pode ser pensado a partir de achados de outros estudos sobre a temática. Em algumas pesquisas (Matos et al., 2005; Stengel & Tozo, 2010), houve adolescentes que atentaram para uma característica do “ficar”: para alguns deles, esse tipo de relação está relacionado à idade e perde o sentido com o passar do tempo, não sendo algo pertencente à vida adulta. Há adolescentes, portanto, que preferem o “ficar” como uma forma de relacionamento que antecede o namoro, como o início de uma relação futura mais duradoura e de maior compromisso, embora também haja aqueles que apreciam esse tipo de relacionamento por si só.

É interessante observar que em todos os estudos brasileiros encontrados sobre relacionamentos afetivos na adolescência, o “ficar” apareceu como algo muito mencionado pelos participantes e até mesmo como algo que representa o comportamento adolescente contemporâneo (Jesus, 2005; Justo, 2005; Matos et al., 2005; Oliveira et al., 2007; Stengel & Tozo, 2010). Neste estudo, porém, apenas uma participante (Natália) mencionou o “ficar”, embora não o considere como uma possibilidade para si mesma.

Pode-se pensar que a diferença quanto às menções ao “ficar” neste estudo em relação aos demais estudos sobre relacionamentos afetivos esteja no momento da vida focado nessas pesquisas, visto que essa diferença aparece entre os resultados dos estudos que se dedicaram a examinar os relacionamentos afetivos na adolescência e as pesquisas que investigaram os projetos de vida dos adolescentes. Nos estudos que tem como foco apenas os relacionamentos atuais dos adolescentes, as temáticas casamento e filhos não são mencionadas pelos participantes (Jesus, 2005; Oliveira et al., 2007). Já nas pesquisas que investigaram apenas os projetos de vida dos adolescentes, a constituição de família aparece com algo recorrente nas respostas dos participantes e o “ficar” não foi considerado por nenhum adolescente como projeto de vida (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Marcelino et al., 2009; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007). Os estudos de Matos et al (2005) e de Stengel e Tozo (2010) auxiliam a pensar sobre essa questão, visto que dedicaram-se a investigar ambos os momentos de vida dos adolescentes: o presente e o futuro. Os participantes das duas pesquisas citaram o “ficar” como algo muito comum entre eles e que consideram enquanto projeto de curto e de médio prazos, assim como o namoro. Contudo, ao serem questionados quanto aos projetos afetivos de longo prazo, o “ficar” e o namorar deram lugar aos projetos de casar e de ter filhos. Na pesquisa de Stengel e Tozo (2010), os pais dos participantes também fazem essa diferenciação. Eles desejam que seus filhos casem e tenham filhos e entendem que isso diz respeito a um projeto de longo prazo, pois exige uma estrutura incompatível com a adolescência.

O casamento em seu formato tradicional, isto é, associado à coabitação e à criação de filhos, parece ser, portanto, o modelo que os adolescentes – desse e de outros estudos – têm utilizado para pensar sobre seus relacionamentos afetivos futuros (Cardoso & Cocco, 2003; Dellazzana-Zanon, 2014; Leão et al., 2011; Marcelino et al., 2009; Matos et al., 2005; Miranda, 2007; Stengel & Tozo, 2010; Teixeira, 2005; Valore & Viaro, 2007; Zonta, 2007), embora contemporaneamente existam inúmeras outras formas reconhecidas de vivenciar relações amorosas. Assim, o “ficar” e outros novos formatos de relacionamento que envolvem menor grau de compromisso e de fidelidade não parecem ter substituído os modelos tradicionais ou representarem valores totalmente individualistas e hedonistas, como acreditam alguns autores, mas parecem compor, juntamente com o casamento tradicional, o cenário dos relacionamentos contemporâneos. Além disso, o “ficar” parece ter importância no que diz respeito à escolha de um parceiro que pode vir a se tornar um cônjuge no futuro, possuindo, portanto, um caráter de experimentação e de preocupação com essa escolha.

Além dos projetos de casar e de ter filhos, outra questão bastante relacionada a isso perpassou as respostas de todos os adolescentes desta pesquisa: a escolha do futuro cônjuge. Esse tema aparece nas entrevistas de todos os participantes, especialmente quando: (a) explicam o porquê de seus projetos e (b) falam sobre as características que gostariam que seus companheiros tivessem. Cássio explica por que é importante para ele ter uma família: *“Se a gente vai morar sozinho, não vive sozinho, sempre tem alguém pra... Sorrir, brincar, feliz.”*. Nina apresenta uma resposta bastante parecida a essa mesma questão: *“Porque ninguém é feliz sozinho, porque tem que ter pessoas do nosso lado pra gente poder ser feliz.”*. Clara também traz essa ideia ao responder por que seria bom ter um namorado: *“Sempre é bom ter uma pessoa do teu lado pra te apoiar, além da família. Pra andar junto contigo quando tu precisa.”*. Cecília, por sua vez, ao definir características que gostaria que seu futuro parceiro tivesse diz: *“É me apoiar ali e tá comigo sempre, tipo, acompanhar as minhas decisões, sendo elas erradas ou não... Mas também dando força assim, tipo, se não tá certo me ajuda no que não tá, e o que tá também...”*. Já Nicolas, embora diga que não quer ter uma companheira no futuro, define como gostaria que fosse sua companheira, caso quisesse ter um relacionamento com alguém: *“Eu queria uma pessoa assim que soubesse fazer o que eu faço, me entendesse quando eu tivesse mal, quando eu não quisesse conversar, quando eu tivesse sozinho...”*. Natália, por fim, relata algumas das características que seu namorado tem e das quais gosta: *“Ah, ele é carinhoso, ele é um bom namorado, se tu precisa dele, ele sempre te ajuda. Ele tá sempre contigo...”*. Ainda, vários participantes associam o encontro dessa “pessoa certa” com a possibilidade de realização dos projetos de casar e der filhos. Ao responder a pergunta sobre como imaginam

ser possível concretizar os projetos relativos ao casamento e aos filhos, alguns participantes (Cecília, Nina e Cássio) mencionaram essa questão: “*Primeiro tem que conhecer uma pessoa que eu gosto, que eu tenha certeza que é com ela que vai acontecer...*” (Cecília); “*Tem que achar uma pessoa, uma pessoa que goste de mim, tem que ser uma pessoa boa.*” (Nina); “*Dai tem que achar uma pessoa certa, né, não é qualquer uma.*” (Cássio).

É possível pensar, a partir das respostas dos participantes, que esses adolescentes encaram o casamento como algo que ocorre naturalmente, sem que eles precisem se implicar na concretização desse projeto. Os adolescentes colocam essa responsabilidade no outro e nas qualidades desse outro, sempre disponível e compreensivo, além disso, percebem-se em uma posição passiva e de espera da “pessoa certa”, como se não dependesse deles a realização do projeto de casar. Os participantes deste estudo parecem não se questionar sobre como podem buscar ter um bom relacionamento ou como podem construir possibilidades de casar e de ter filhos no futuro. Eles entendem que isso depende de circunstâncias externas, tais como as qualidades do parceiro e o encontro de uma pessoa ideal.

Zordan e Wagner (2009) realizaram um estudo com jovens solteiros de 20 a 31 anos e encontraram resultados que ajudam a pensar essa questão da pouca implicação com o projeto do casamento. As pesquisadoras investigaram qual a posição do casamento dentre os projetos de vida desses jovens. O projeto de casar ocupou a décima nona posição de prioridade dentre 21 possibilidades de projetos, embora outros projetos relacionados aos relacionamentos afetivos, como constituir família e ter um bom relacionamento com um(a) companheiro(a), tenham ocupado posições de maior prioridade. Ainda que o casamento tenha aparecido como um dos projetos menos importantes, ao serem perguntados quanto ao desejo de casar, 92,9% dos jovens respondeu que deseja casar um dia. A partir disso, Zordan e Wagner (2009) entendem que o casamento segue sendo desejado pelos jovens, embora não seja algo em que eles invistam, saindo do lugar de projeto de vida para o lugar de acontecimento vital, de algo que faz parte da vida.

Outros estudos que investigaram as temáticas da conjugalidade e dos projetos de vida abordam essa questão de maneira semelhante, relacionando-as a um tema já abordado neste estudo: as expectativas sociais. Espera-se que os adolescentes invistam nos projetos ligados ao estudo e ao trabalho, entendendo que a conjugalidade e a parentalidade podem ser obstáculos a concretização desses projetos. O casamento e a constituição de família representam experiências socialmente atribuídas à adultez, inclusive com caráter de processo natural do desenvolvimento psicológico e social (Dias et al., 2013; Heilborn & Cabral, 2006; Locatelli, Bzuneck, & Guimarães, 2007). Talvez por ser compreendido como algo natural e que compõe

o ciclo vital, exigindo apenas a estabilidade financeira para que possa se concretizar, os adolescentes não consigam pensar sobre o projeto de relacionamento afetivo como algo que também exige investimento e planejamento. A crença parece ser de que os relacionamentos afetivos dependem apenas do encontro de uma pessoa ideal, a qual será responsável pela concretização do projeto e também por fazer com o que casamento seja feliz.

Nesse sentido, cabe refletir também sobre a idealização que os participantes fazem quanto ao futuro cônjuge. Todos eles buscam alguém que os compreenda e que esteja sempre disponível para atender às suas necessidades, trazendo felicidade e companhia. A maioria dos adolescentes não pontuou a sua parcela de responsabilidade para que o relacionamento seja feliz e para que os projetos de casar e de ter filhos possam se tornar realidade; eles parecem esperar que tudo isso ocorra a partir da escolha da “pessoa certa”. Apenas Natália, que já tem um namorado com quem pretende casar, falou da importância de dar carinho e de não fazer nada de errado para manter o relacionamento.

Por fim, é interessante pontuar que, ainda que o contexto tenha grande importância na elaboração dos projetos de vida (Dellazzana-Zanon & Freitas, no prelo), as mudanças contemporâneas nas configurações familiares e o aumento do número de divórcios não parecem influenciar os adolescentes quanto ao projeto de casar. O casamento é algo desejado pelos participantes, embora metade deles tenha pais separados. Este resultado é semelhante ao encontrado por Wagner, Falcke, e Meza (1997) em um estudo com o objetivo de comparar os projetos de vida de adolescentes de famílias originais e reconstituídas e o que eles pensam sobre questões relacionadas à família e ao casamento. Essas pesquisadoras não encontraram diferenças significativas, em relação aos projetos de vida, entre os grupos, e os projetos relativos à constituição de família foram os segundos menos citados em ambos os grupos. Esses resultados parecem indicar que a configuração familiar não influencia na elaboração dos projetos de vida sobre os relacionamentos afetivos. Em outras palavras, os adolescentes com pais separados querem casar e constituir família tanto quanto os adolescentes com pais casados.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo buscou investigar a existência de projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos em adolescentes de nível socioeconômico baixo e examinar o conteúdo desses projetos. Os resultados encontrados sugerem que os adolescentes possuem projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos, embora demonstrem dificuldades para pensar sobre eles e para estabelecer formas de realiza-los. Além disso, priorizam projetos ligados a outras áreas de interesse, como o trabalho e o estudo, em detrimento daqueles relacionados aos relacionamentos afetivos. Quanto ao conteúdo desses projetos, todos os

participantes que possuem projetos quanto ao estabelecimento de relacionamentos afetivos no futuro, pretendem casar e ter filhos. Dessa forma, o casamento tradicional parece ser o modelo de relacionamento futuro desses adolescentes, embora atualmente existam outras formas reconhecidas de vivenciar relações amorosas.

No entanto, uma limitação importante deste estudo diz respeito ao fato de que a entrevista utilizada com os participantes não tinha como foco específico a temática dos relacionamentos afetivos. Desta forma, não foi possível explorar o que os adolescentes esperam do casamento e dos relacionamentos afetivos em geral ou ainda como os concebem.

Apesar disso, esse trabalho possui contribuições no que diz respeito ao estudo da adolescência e da elaboração de projetos de vida na atualidade. Primeiramente, essa pesquisa visou contribuir para o preenchimento de uma lacuna importante entre os estudos acerca da adolescência. Embora seja o momento em que o indivíduo estabelece relacionamentos afetivos com pares e elabora projetos de vida (Erikson, 1968/1976; Piaget & Inhelder, 1955/1976), há ainda poucos estudos que se dediquem a investigar o que os adolescentes pensam sobre o estabelecimento de relacionamentos afetivos, seja no momento presente, seja no futuro. Por outro lado, é comum encontrar estudos que investiguem questões ligadas à reprodução, à gravidez na adolescência e aos comportamentos de risco associados à sexualidade (Dias et al., 2013; Heilborn & Cabral, 2006). Além disso, poucos dos estudos dedicados a investigar os relacionamentos afetivos na adolescência são desenvolvidos com adolescentes de nível socioeconômico baixo. Possivelmente devido à precariedade econômica e à privação de direitos em que vive essa população, as pesquisas com esse público costumam abordar questões referentes à violência, à gravidez na adolescência e ao uso e abuso de drogas (Matos et al., 2005).

No entanto, o processo de pensar sobre os projetos de vida pode ser considerado um fator de proteção contra comportamentos autodestrutivos (Damon, 2009; Minehan et al., 2000) e contra a gravidez não planejada (Dias et al., 2013). Assim, entender o que os adolescentes pensam sobre essas questões e auxiliá-los a projetar-se no futuro pode ser uma forma interessante de contribuir para o combate a essas situações, além de produzir conhecimento sobre aspectos ainda pouco estudados.

Além disso, os resultados desta pesquisa, especialmente aqueles que apontam para a dificuldade dos adolescentes para pensar sobre seus relacionamentos afetivos futuros e sobre a questão da constituição de família, sugerem que seria importante o desenvolvimento de projetos de intervenção que proponham momentos para que os adolescentes reflitam sobre quem querem ser no futuro e sobre como pretendem viabilizar seus projetos de vida. É claro que cada

momento do ciclo vital é composto por diferentes demandas sociais e que o casamento e a criação de filhos estão mais relacionados à adultez, visto que exigem planejamento familiar e estabilidade financeira, condições difíceis de possuir na adolescência (Dias et al., 2013; Heilborn & Cabral, 2006). Contudo, isso não exclui a necessidade de que os adolescentes pensem sobre essas questões e elaborem seus projetos de vida quanto aos relacionamentos afetivos e à constituição de família, visto que é a partir disso que o indivíduo poderá orientar suas ações em busca da concretização de seus projetos, inclusive dos que dizem respeito à vida adulta.

## REFERÊNCIAS

- Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2003). O método clínico no estudo da moralidade. In: S. R. F. Enumo, S. S. Queiróz, & A. Garcia. (Eds.). *Desenvolvimento humano e aprendizagem: Algumas análises e pesquisas* (pp. 121-140). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2014). Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 a 9 anos. *Revista Psicopedagogia*, 31(94), 21-34.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2013). Possibilidade de amar menino e menina: Um estudo sob a ótica de crianças. *Revista de Psicologia*, 4(1), 26-37.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2012). Exemplos sobre a importância do amor: Estudo com crianças no contexto da moralidade. *Temas em Psicologia*, 20(1), 261-272.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2010). Amor e moralidade: Um estudo com participantes de 5 a 70 anos. *Revista de Ciências Humanas*, 44(2), 363-380.
- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(número especial), 11-20.
- Araújo, U. F., Arantes, V. A., Klein, A. M., & Grandino, P. J. (2014). Youth purpose and life goals of students engaged in community and social activities. *Revista Internacional d'Humanitats*, 30, 119-128.
- Borges, R. C. P., & Coutinho, M. C. (2010). Trajetórias juvenis: Significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 189-200.
- Cardoso, C. P., & Cocco, M. I. M. (2003). Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(6), 778-785.
- Damon, W. (2009). *O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. (J. Valpassos, Trad.). São Paulo: Summus.
- Damon, W., Menon, J., & Bronk, K. C. (2003). The development of purpose during adolescence. *Applied Development Science*, 7(3), 119-128.
- D'Aurea-Tardeli, D. (2008). A manifestação da solidariedade em adolescentes: Um estudo sobre a personalidade moral. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2), 208-303.
- D'Aurea-Tardeli, D. (2010). Identidade e Adolescência: Expectativas e valores do projeto de vida. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, 2(3), 65-74. Recuperado em 9 de maio de 2015, de [http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/76/pdf\\_1](http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/76/pdf_1)

- Dellazzana-Zanon, L. L., & Freitas, L. B. L. (no prelo). Uma revisão de literatura sobre a definição de projeto de vida na adolescência. *Interação em Psicologia*.
- Dellazzana-Zanon, L. L. (2014). *Projetos de vida na adolescência: Comparação entre adolescentes que cuidam e que não cuidam e que não cuidam de seus irmãos menores*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrimos o pensamento das crianças*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Dias, A. C. G., Jager, M. E., Patias, N. D., & Oliveira, C. T. (2013). Maternidade e casamento: O que pensam as adolescentes?. *Interações*, 25, 90-112.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968).
- Freitas, L. B. L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: Um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez Editora.
- Freitas, L. B. L. (2011). Vontade: Instrumento de autorregulação em situações de conflito. In Anais do II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral COPPEM, Campinas, SP.
- Furlani, D. D., & Bomfim, Z. A. C. (2010). Juventude e afetividade: Tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59.
- Heilborn, M. L., & Cabral, C. S. (2006). Parentalidade juvenil: Transição condensada para a vida adulta. In A. A. Camarano (Ed). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 225-256). Rio de Janeiro: IPEA.
- Jesus, J. S. O. (2005). Ficar ou namorar: Um dilema juvenil. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 67-73.
- Justo, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, 17(1), 61-77.
- La Taille, Y. de. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. de. (2010). Moral e ética: Uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 105-114.
- Leão, G., Dayrell, J. T., & Reis, J. B. (2011). Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, 32(117), 1067-1084.
- Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 268-276.

- Marcelino, M. Q. S., Catão, M. F. F. M., & Lima, C. M. P. (2009). Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(3), 544-557.
- Margulis, M. (2001). Juventud: Una aproximación conceptual. In S. D. Burak (Org.), *Adolescencia y juventud en américa latina* (pp. 41-56). Cartago: Libro Universitario Regional.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9(1), 21-33.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP*, 11(1), 93-109.
- Minehan, J. A., Newcomb, M. D., & Galaif, E. R. (2000). Predictors of adolescent drug use: Cognitive abilities, coping strategies and purpose in life. *Journal of Child & Adolescent Substance Abuse*, 10(2), 33-52.
- Miranda, F., H., F., (2007). *Projetos de vida na adolescência: Um estudo na área da ética e da moralidade*. (Dissertação de Mestrado não-publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Nascimento, I. P. (2006). Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: Um estudo psicossocial sobre suas representações. *Imaginário*, 12(12), 55-80.
- Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., Marques, S. C., & Thiengo, M. A. (2007). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: Representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(5), 497-502.
- Piaget, J. (2007). Seis estudos de psicologia. (M. A. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1964).
- Piaget, J. (2005). *Inteligencia e afectividad*. (M. Carretero, Trad.). Buenos Aires: Aique Grupo Editor. (Trabalho original publicado em 1954).
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (2ª ed.). (E. Lenardon, Trad.). São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1932).
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. (D. M. Leite, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1955).
- Piaget, J. (sd). *A representação do mundo na criança*. (R. Fiúza, Trad.) Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1926).
- Stake, R. E. (1994). *Identification of the case*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Stengel, M., & Tozo, S. M. P. S. (2010). Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), 72-82.
- Teixeira, E. J. (2005). *Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida* (Dissertação de Mestrado não-publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Valore, L. A., & Viaro, R. V. (2007). Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 57-70.
- Wagner, A., Falcke, D., & Meza, E. B. D. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1) 155-167.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (2º Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zonta, A. G. (2007). A construção do projeto de vida do aluno da rede pública de educação. *Psicologia e Argumento*, 25(50), 259-266.
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: Uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96.

## ANEXO

### Entrevista Semiestruturada sobre Projetos de Vida

#### Fase A - Projetos de vida citados espontaneamente pelos participantes

As perguntas da Fase A buscam investigar a espontaneidade dos participantes na enumeração de seus projetos de vida. Posto que é possível haver um grande número de projetos citados pelo participante, as perguntas de 1.b até 3.b serão repetidas para cada um dos projetos citados pelo participante.

1.a) Quem é você no futuro do jeito que você gostaria que fosse?

1.b) Por que você gostaria disso?

2.a) Você acredita que no futuro você terá atingido seu objetivo?

2.b) Por quê?

3.a) Qual é a maneira para você atingir o seu objetivo?

3.b) Por que você acredita que essa é a maneira de atingir o seu objetivo?

Após ser feita a investigação de cada um dos projetos citados, serão efetuadas as perguntas seguintes.

4.a) Qual, entre todos os projetos que você enumerou, é o mais importante?

4.b) Por quê?

5.a) Qual é o menos importante?

5.b) Por que esse é o projeto menos importante?

#### Fase B - Projetos ligados a relacionamentos afetivos

Se entre os projetos de vida citados na Fase B estiver compreendido um projeto de relacionamento afetivo, este será lembrado ao participante pelo pesquisador, e a entrevista continuará pela questão 9a.

6.a) Você tem algum projeto de relacionamento afetivo?

6.b) Por que você tem esse projeto? (Se não tiver o projeto, questionar porque não).

7.a) Você acredita que no futuro você terá atingido seu objetivo?

7.b) Por quê?

8.a) Como pretende atingi-lo?

8.b) Por que você acredita que essa é maneira de atingir o seu projeto?

9.a) Quais características você gostaria que seu (sua) parceiro(a) tivesse?

9.b) Por quê?

10.a) Quais características você não gostaria que seu parceiro tivesse?

10.b) Por quê?